

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial**

ELIZABET CRISTINA RODRIGUES MEIRA

**PLANTÃO PSICOLÓGICO:**  
**Proposta de (Im)Plantação Numa Comunidade Religiosa**

Belo Horizonte

2021

Elizabet Cristina Rodrigues Meira

**PLANTÃO PSICOLÓGICO:  
Proposta de (Im)Plantação Numa Comunidade Religiosa**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Belo Horizonte

2021

150 Meira, Elizabet Cristina Rodrigues.  
M514p Plantão psicológico [recurso eletrônico] : proposta de  
2021 (im)plantação numa comunidade religiosa / Elizabet Cristina  
Rodrigues Meira. - 2021.  
1 recurso online (38 f. ) : pdf  
Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.  
Coorientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Psicologia Clínica : Gestalt Terapia e Análise Existencial -  
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia aplicada. 2. Serviços de saúde comunitária.  
I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves.  
II. Magnabosco, Maria Madalena. III. Universidade Federal  
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação  
PLANTÃO PSICOLÓGICO: PROPOSTA DE (IM)PLANTAÇÃO NUMA COMUNIDADE  
**ELIZABET CRISTINA RODRIGUES MEIRA**

monografia defendida e aprovada, no dia **seis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador  
FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco  
Externo

Belo Horizonte, 22 de novembro de 2021.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso  
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por Valteir Goncalves Ribeiro, Chefe de seção, em 22/11/2021, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior, em 22/11/2021, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1095229 e o código CRC C081C505.

*Dedico essa monografia ao Wânder por ser  
companhia nesse caminho e, dada à largada,  
vou sendo com outros que ousarão caminhar  
comigo.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai para além da compreensão humana dispensou Jesus em amor, fonte eterna de inspiração e sustentador da minha vida; instrumentalizou-me concluir essa especialização. Nesses últimos meses o Senhor carregou-me no colo, acalentando e restaurando o meu equilíbrio interno quando as palavras já não davam mais conta de expressar o meu medo, aflição e incertezas vividas. Gratidão, PAPAI!

Aos meus pais (*in memoriam*) mesmo sem conhecê-los, os amei desde sempre e sei que se orgulhariam de quem me tornei e da família que formei.

A Dona Zeca (*in memoriam*) a mulher mais sábia e destemida que conheci nesta vida. Na simplicidade em cuidar de pessoas; uma nata empreendedora e professora sem jamais ter estudado, mãe de oito filhos, assumiu-me como a sua filha quando nem ECA existia. Mãe, bênção de Deus!

Ao meu esposo Deco, pelo companheirismo e suporte em minha caminhada de estudante e, principalmente, em se preocupar com a minha alimentação; meu lanche fresquinho na sala de estudo. Bjs

Aos meus filhos: Wânder, Sarah e Thiago pelo contentamento de ser mãe para vocês e, ouvi-los me chamarem de mãe, palavra encantadora.

Aos meus netos: Bella, Theo, Gabriel, Yasmin e Memê que me ensinam apreciar a leveza de existir sendo vovó.

Ao Ministério de Mulheres da Igreja Adventista da Promessa em BH, gestão 2018/2019 (Cleusa, Beth e Nilza) terreno fértil desse projeto de escuta sensível, nutriu-me pesquisá-lo.

Ao Luiz Maciel, meu psicoterapeuta que durante meus momentos tão sombrios foi meu ombro e despertou-me escutar minha interioridade.

Ao Dr. Paulo Evangelista, um entusiasta do conhecimento iluminou-me no sentido genuíno de ser cuidado. Esse admirado professor cativou-me, mas também, desafiou-me como orientador. Agradeço pelo expressivo pesquisador, o seu modo “húmus” de-ser me oportunizar crescer nessa pesquisa, como jamais experienciei um dia. Gratidão!

A Dra. Madalena, presença singular nessa apresentação. Levarei comigo o aprendizado de suas aulas terapêuticas, principalmente, a primeira do 7º período, e os muitos insights proporcionados durante as super-visões. Sua humanidade ajudou-me a apropriar da filosofia do encontro.

Aos meus colegas de Pós-graduação que junto-separados reinventamos um jeito criativo e afetivo de estarmos próximos.

Aos professores e colegiado dessa renomada universidade pela compreensão e acolhida quando busquei por apoio.

A todas as pessoas envolvidas no Plantão Psicológico reverencio o fruto da nossa parceria.

A você, leitor e leitora, que ao contemplar a leitura dessa produção, se ver cuidando e sendo cuidado; missão do ser-no-mundo.

A mim, pela atualização humana comigo mesma; devolvendo-me, acolhendo-me e perdoando-me!

A Igreja Adventista da Promessa, meu abrigo. Jesus lindo!

## RESUMO

A comunidade religiosa é um lugar de celebração coletiva de culto a Deus. No entanto, esse espaço recebe pessoas em crise existencial e, muitas vezes, essa experiência humana não é compartilhada entre seus pares. Este sofrimento, como próprio da condição humana e de seu modo de-ser e estar-no-mundo, é potencializado por tensões não expressas. A pessoa não se sente confiante para abrir sobre si mesma. Com o objetivo de oferecer um tempo-espço de expressão, compreensão e sentido a essa vivência, o presente estudo fundamenta uma proposta de implantação de um serviço de Plantão Psicológico nessa comunidade. Primeiramente, descreve-se como ocorreu o encontro da autora com a temática do Plantão Psicológico e a possibilidade dessa clínica alcançar as pessoas da Igreja Adventista da Promessa da qual faz parte, sobretudo as que se encontram em situação de vulnerabilidade social. No segundo momento, apresenta a origem do Plantão Psicológico, o avanço das pesquisas sobre essa clínica de fundamentação Fenomenológica Existencial e o seu crescimento no Brasil. A seguir, apresenta uma compreensão de vulnerabilidade social e seus impactos psicológicos. Nesse ponto, é retomado o compromisso social da comunidade religiosa. O Plantão Psicológico oferece atendimento psicológico correspondente às demandas das pessoas em sofrimento psicológico e à proposta da comunidade religiosa. Seu comprometimento ético de atuação e prestação de serviço nessa comunidade é oferecer uma escuta atenta na desconstrução de marcas identitárias fixas limitantes da expressividade humana.

**Palavras-chaves:** Plantão Psicológico. Saúde Comunitária. Escuta Clínica. Clínica Fenomenológica.

## ABSTRACT

Religious community is a place of collective celebration to worship God. Although this place welcomes people in existential crisis, often, this human experience is not shared among its peers. This suffering, as proper to the human condition and its way of being in the world, is enhanced by unexpressed tensions. The person does not feel confident to open up about himself. With the objective of offering a time space of expression, understanding and meaning to this experience, this study bases a proposal for the implementation of a Psychological Duty service in this community. First, it describes Psychological Duty and its possibility of reaching the people of the Adventist Church of Promise that the author is part of, especially, socially vulnerable ones. In the second moment, it presents the origins of the Psychological Duty, its Existential Phenomenological foundation, and its growth in Brazil. Next, it presents an understanding of social vulnerability and its psychological impacts. At this point, one finds again the social commitment of the religious community. Psychological Duty offers psychological care corresponding to the demands of people in psychological distress. This is also the meaning of the religious community. Its ethical commitment to acting and service in this community is to offer attentive listening in the deconstruction of fixed identity marks limiting human expressiveness.

**Keywords:** Psychological Duty. Community health. Clinical Listening. Phenomenological Clinic.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 Objetivo .....	14
1.2 Igreja Adventista da Promessa (IAP) .....	15
<b>2 PLANTÃO PSICOLÓGICO</b> .....	19
2.1 Fenomenologia Existencial como Fundamento do Plantão Psicológico .....	19
2.2 O Plantão Psicológico e sua História .....	20
2.3 A Plasticidade do Plantão Psicológico .....	26
<b>3 SOFRIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADES VULNERÁVEIS SOCIALMENTE</b> .....	29
<b>4 PLANTÃO PSICOLÓGICO NA COMUNIDADE RELIGIOSA</b> .....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

O Plantão Psicológico é um tema instigante, ousado e indefinido; para quê? Sua peculiaridade é um convite a todos que se sentem convocados a conhecê-lo: O quê? Como? Quando? Essa pesquisa parte do interesse em fazer conhecido o Plantão Psicológico a qualquer pessoa que dele necessita no momento de uma iminente instauração de uma crise existencial. Dessa forma, essa monografia tem por objetivo apresentar esse modelo de clínica psicológica em crescimento no Brasil; compreender e ajudar a pessoa a encontrar a si-mesma no momento de seu sofrimento existencial.

Ao iniciar os primeiros escritos no meu último TCC: “Ciência e Espiritualidade: Possibilidades do Diálogo no âmbito Acadêmico” em 2019, a percepção desse distanciamento entre esses dois saberes, a indiferença e descaso pelo desconhecido e/ou a banalização das experiências existenciais nas discussões, pouco produtivas, desafiaram-me a descrever do meu desconforto vivido naquele espaço de produção de conhecimento. Até o 6º período, por várias vezes pensei em desistir e abandonar o curso de Psicologia; não me sentia pertencente àquele discurso de patologização e limitação das possibilidades e ressignificações da singularidade humana, modo único e próprio de cada pessoa expressar no mundo.

Naquele primeiro semestre de 2019, um convite de Internet poderia ser como muitos outros folders de anúncios da rede, workshop, seminário, comercialização de um curso etc, só que não; aquele me despertou a curiosidade para aceitá-lo. Era um convite diferente, um chamamento especial aos alunos matriculados na UFMG e demais interessados: uma aula inaugural do Projeto de Extensão da UFMG pelo professor Paulo Evangelista com o tema Plantão Psicológico.

Atualmente, estou cursando a Pós-Graduação na referida Universidade: “Curso de Especialização Clínica em Gestalt-terapia e Análise Existencial” tendo o Paulo Evangelista como meu professor e orientador nessa monografia, e para o título de especialista clínica. Suas aulas ampliaram o meu olhar dos contextos de Plantão Psicológico como: hospitais, delegacias de mulher, salas de espera etc. Essa é uma modalidade de prática clínica psicológica, cuja abordagem é fundamentada na “fenomenologia existencial” (Evangelista, 2019) afirma o professor, e esse fazer clínico refere-se à atitude do psicólogo disponibilizar a lidar com a afetação da pessoa em sofrimento que o procura.

Essa atitude clínica, aberta, mostra-se receptiva ao que chega tal como aparece; a despreensão do plantonista querer saber, mas, a atitude curiosa de querer investigar o

fenômeno que ali chega é o diferencial desse atendimento. Ela apresenta-se indeterminada, a saber, desprovida de qualquer a priori por parte de quem acolhe. Nesse encontro inter-humano, a pessoa que procura pelo Plantão Psicológico encontra-se desconhecida de si mesma, tanto quanto é desconhecida do profissional que a recebeu, essa inter-relação de abertura demasiadamente humana, uma alusão ao devir; coexistência e possibilidade de a pessoa poder ser, e poder vir-a-ser, desvelar e revelar suas limitações e potencialidades; é uma tentativa de compreender o seu sofrimento, desvendá-lo e ressignificá-lo responsabilmente em assumir o si-mesmo de sua existência.

O modelo de Plantão Psicológico na abordagem fenomenológica existencial diferencia de qualquer outro modelo de atendimento terapêutico e de outras abordagens psicológicas. Ele acontece no espaço e no tempo presente; o profissional plantonista a postos, disponível a compreender o fenômeno tal como é sem explicá-lo ou reduzi-lo. O plantonista se posiciona diante da demanda do outro; com seu olhar *acolhe-dor* do “sofrente” e com um passo na sua direção da corporeidade do ser dialógico e relacional: “como posso te ajudar” – mostrando-se interessado pela pessoa na sua totalidade. A peculiaridade dessa clínica é a prontidão do plantonista em reconhecer a procura no momento propício - inclinar; termo que se refere à clínica, nesse debruçar, a pessoa sente-se a leveza e a maleabilidade do cuidado amoroso de quem a acolhe.

A exposição da temática pelo professor Paulo Evangelista em sua aula inaugural em 2019 (Evangelista, 2019). Mahfoud, coordenador daquele projeto. Segundo ele, depois de três anos sem funcionar o “atendimento à comunidade acadêmica”, o Projeto de Extensão retomaria. O objetivo é os profissionais refletirem com o seu momento vivido. Ele ainda compartilhou de um estudo de caso; a queixa acompanha o sofrente na seguinte indagação: “É normal fazer algo quando se está dormindo?”. Perguntou seu paciente. Numa atitude natural, essa pergunta dá um nó no terapeuta, afinal, a pessoa em sofrimento busca uma resposta que o alivia, mas, afinal o que é normal? Na experiência familiar de seu paciente, uma possibilidade se abria a outras vivências até então não experienciadas. Só ele mesmo chegaria à sua resposta. A praticidade e a profundidade do Plantão Psicológico são explícitas, enquanto uma ação clínica, seu objetivo é possibilitar ao sofrente apropriar e resgatar a sua humanidade e a capacidade de poder ser. A demanda naquele *setting* pareceu como um convite ao ser existencial; fazer-se e refazer-se diante de sua abertura de poder ser e de se responsabilizar no cuidado de sua existência.

A pessoa que procura pelo atendimento no Plantão Psicológico está em uma crise existencial, ela se perdeu de si e, na iminência de encontrar uma pessoa disponível para conversar e sintonizar no seu incômodo, se mostra espontânea sendo ela mesma. Nessa relação humana dialógica, a receptividade do psicólogo plantonista é ajudar essa pessoa que sofre na tarefa de ser si-mesma, encontrar-se no seu *ethos*<sup>1</sup> humano. A essa concepção humana de compreender a vida a partir de sua realidade e reconhecer como tal, é o vir-a-ser da condição humana. Essa indeterminação humana aparece na clínica do Plantão Psicológico e confirma a sua proposta de oferta e implantação, em que a sua procura se dá de forma espontânea tal como é a atitude do plantonista de captar o que aparece, na possibilidade da pessoa vir-a-ser ou de não-ser. Nesse movimento, novas configurações emergem na acontecência relacional, sendo a atitude do plantonista lidar com o inesperado e do não diretivo o que faz o Plantão Psicológico diferente de todas as demais propostas de escuta clínica.

Segundo Evangelista (2021, no prelo), o Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento que não se limita a um espaço físico delimitado, assim, compreendo que sua efetividade acontece nas relações interpessoais. Pode ser numa conversa casual, num cafezinho, numa fila de banco, com seu colega de trabalho, com seu familiar e/ou companheiro de ministério espiritual. O “pedido” grita sem necessariamente verbalizar sua queixa e você, plantonista (presença) diante da pessoa, capta a sua demanda. O fenômeno salta aos olhos do *psi* plantonista; o *setting* para se efetivar nesse encontro dialógico relacional EU-TU é amorosidade co-existente.

O Plantão Psicológico é a modalidade clínica de formação humana em situação diante do inesperado, da novidade. O psicólogo plantonista vai se fazendo à medida que se abre à convocação de ser, intuitivamente se permitindo e sendo ao que ele não sabe. O campo diz-nos de uma força e uma tarefa. Recordo-me de um diálogo em que Jesus numa reunião com pais, interroga: “Qual dentre vós é o pai que, o filho faminto gritar por pão, dará uma pedra?” Em seguida Ele legitima a experiência daqueles pais. “(...) Vocês sabem dar boas dádivas aos filhos de vocês” (Lc,11:11-13). Através desse relato percebo que o ser humano tem diante de si a escolha como parte de suas possibilidades. Aprendi a partir deste diálogo que ninguém carrega em si a tarefa de ser pai, mas, uma vez sendo pai tem por responsabilidade a tarefa de

---

<sup>1</sup> *Ethos*”, etimologicamente, refere-se à morada, referenciada por Figueiredo (1995), pp. 143; um conjunto de valores, posturas e hábito que compartilham a mesma raiz. Esse habitar sereno e confiado é a condição do gozar, do fruir, ou seja, da experiência do corpo como fonte de prazer-mesmo que limitado-livres dos riscos e das incertezas.

ser o pai que cuida/ama seu filho na sua necessidade até que este tenha a maturidade de responder por si mesmo.

A ética do cuidado é uma missão; praticá-la colore a minha existência. No meu corpo moram as minhas experiências *\_sedimento\_* elas sustentam e dialogam com minhas necessidades que emergem. Nesse movimento apropriado de quem vou sendo. Afastando e aproximando de mim, ousa a lançar-me no desconhecido numa dinâmica de *vai/vem*, tal como a do instrumento musical acordeom; um sincronizado melódico e harmônico num só movimento. O Plantão Psicológico é esse instrumento de presença integradora que se efetiva entre duas pessoas e/ou grupo de pessoas que se movimentam na mesma sintonia; uma forma de experienciar e de se atualizar no que é possível ser-aí (aqui/ali/acolá).

Há de se considerar que a atitude fenomenológica do plantonista remete ao *kairós*, diferente de *crónos*; tempo cronometrado, enquanto, o *kairós* é situacional. Segundo Evangelista (2016), a *kairológia* é a temporalidade da existência humana, referindo-se ao momento propício e decisivo da existência humana poder ser e não ser.

O professor Paulo Evangelista, ao introduzir a temática da clínica sob a modalidade de Plantão Psicológico, comparou-o a uma copa de árvore, planta grande e as suas raízes de sustentação. O sentido analógico me remeteu a uma narrativa bíblica conhecida como a “Parábola da Figueira” (MT 24:32-33). Aquela árvore era o símbolo de provisão em Israel; o pano de fundo retrata de um contexto de fome registrado no livro dos profetas conhecedores daquela realidade. Na “Parábola da figueira” o autor refere-se à sua função e de seu destino determinado: ser cortada, queimada e lançada fora, devido à sua não serventia. O que dizer do humano? Ele é um ser de abertura e de possibilidades, o homem está fadado ao *vir-a-ser*, o ser aí do *Dasein*, como *ser-no-mundo*. Sua indefinição existencial lhe permite ressignificar quem vai sendo *ex-sistere*, o fora de si de poder ser.

Essa dinâmica de se lançar para fora me leva a reconhecer na pessoa que procura pelo Plantão Psicológico seu momento propício de se refazer daquilo que não está dando conta de ser sozinho, vai à busca pela graça do encontro, acredita que só mesmo outro ser como ele possa ajudá-lo. Esse potencial criativo humano é para mim o cerne existencial do Plantão. Essa modalidade clínica se faz no encontro dialógico; a pessoa que procura faz um movimento espontâneo de busca por alguém que compreenda seu sofrimento. Essa criatividade imaginativa do que pode vir a ser, a partir da possibilidade de encontrar outro ser, é um farol no seu caminho existencial.

O Plantão Psicológico é uma postura de encontro relacional do cuidado da qual me identifico e relaciono com meu modo-de-ser e experiência de ser-no-mundo. O plantonista dessa modalidade se faz-fazendo, vai sendo forjado na sua abertura de ser sendo pelo que lhe toca e percebe. Essa relação é dinâmica; a flexibilidade de na experiência vai sendo e não sendo no lançar nas possibilidades de ser-aí. A planta sofre as intempéries da natureza; exposta ao sol, tempestades e vento é confirmada na sua função de ser abrigo, alimento, descanso e recreação etc. No entanto, ela nada se propõe além de ser a árvore.

O ser humano tende ao crescimento; é um movimento dinâmico de fazer/refazer. Lembra-me da composição da música “Envergo, mas não quebro” (Lenine e Carlos Rennó,2011) interpretada por Lenine, referindo-se à maleabilidade e leveza do bambu.

Em sofrimento infindo  
Eu posso até ir ao fundo  
De um poço de dor profundo  
Mas volto depois sorrindo

Em tempos de tempestades  
Diversas adversidades  
Eu me equilibro e requebro  
É que eu sou tal qual a vara  
Bamba de bambu-taquara

Até aqui, procurei descrever a peculiaridade daquilo que faz do Plantão Psicológico uma modalidade clínica de atendimento único (se assim for o desejo do cliente). A atitude-presença do plantonista de quem lida com o inesperado, o não agendado, ser espaço presença com a pessoa que procura pelo cuidado. A visibilidade do plantão está na ação do amor; atitude dialógica relacional co-existencial circunscrita no corpo tempo-espaço.

## 1.1 Objetivo

Nessa direção, esta monografia tem o objetivo de estruturar uma proposta de implantação de um serviço de Plantão Psicológico numa comunidade religiosa oferecendo atendimento clínico acessível às pessoas que o buscarem no momento de sofrimento existencial a quem possa escutá-la sem julgamento, sem imposição e interpretação de suas inquietações, tal como descrito nos princípios que orientam o código de ética da categoria e no sentido deste tipo de atendimento.

## 1.2 A Igreja Adventista da Promessa (IAP)

Aderi a uma comunidade religiosa na década de 1980, no interior de Minas, permanecendo nela mesmo após 2004, quando me mudei para a capital mineira. Meu pertencimento nesse grupo se dá pela mútua reciprocidade e comprometimento humano. Acredito no potencial humano e na sua capacidade de transformar seu viver na encruzilhada existencial. Para mim, é impossível vivenciar afetivamente esse organismo vivo (comunidade) – do qual sou parte – e não me envolver e me sentir envolvida por sua identidade.

A Igreja Adventista da Promessa (IAP) é uma instituição que desempenha com primazia seu papel social onde está plantada. A experiência sobrenatural de seu fundador em 1932, relativa ao fenômeno espiritual “Batismo no Espírito Santo”, é a marca da história da Igreja. Sua estrutura organizacional está descrita na convenção:

Art. 1º - A Convenção Geral das Igrejas Adventistas da Promessa, doravante Convenção Geral, é uma Associação, com fins não econômicos, fundada em 24 de janeiro de 1932, com a denominação de Igreja Adventista da Promessa, cujo Estatuto foi aprovado em Assembléia Geral, em Recife, Capital do Estado de Pernambuco, aos 25 de novembro de 1936, registrado no Serviço de Títulos e Documentos daquela Capital, sob n.º 9.921 e no 4º Oficial de Registro de Títulos e Documentos da Capital do Estado de São Paulo, sob os n.ºs 639 e 197 do Livro A-1 das Pessoas Jurídicas deste Serviço aos dias 09 de novembro de 1939 e 13 de setembro de 1947, operando por tempo indeterminado. (Regimento Interno da Convenção Geral da IAP)

Yancey & Brand (2018), observando uma célula viva pelo microscópio, afirmam: o corpo humano é como uma comunidade. Paulo, apóstolo romano do século I, observando a comunidade religiosa dos seus dias, afirma: ela é como o corpo humano (Rm,12: 4 e 5). Nessa analogia, ambos reconhecem nesse paradoxo uma nítida interdependência; uma unidade constituída de infinitas partes diferentes que formam a totalidade de ser corpo. Esses autores especificam que embora uma orelha, um pé ou uma mão não possam ter vida separada do corpo, a célula pode. Este é o fenômeno da vida; os seres humanos são diferentes um dos outros; formam uma comunidade sem perderem a sua singularidade específica de cada indivíduo.

Genuinamente brasileira, a Igreja Adventista da Promessa é historicamente a primeira igreja pentecostal do Brasil (IAP, 2002). Seu surgimento é uma referência ao fenômeno espiritual narrado em *Atos dos Apóstolos* e a vivência singular pelo visionário pastor João Augusto da Silveira em janeiro de 1932 na pequena cidade de Paulista, em Pernambuco do Sertão Nordeste. Experiência sobrenatural, o “Batismo no Espírito Santo” é uma promessa

divina para quem crer e pede, recebe. Segue abaixo o relato da experiência vivida pelo fundador desse movimento no século XX:

Nesse momento, algo de sobrenatural me impulsionou a entrar no meu aposento. O que fiz. E ali, ajoelhado, perto da minha cama, com as mãos e olhos erguidos aos céus, pedia a Deus que alegrasse minha alma e não me deixasse ser surpreendido pela morte em circunstâncias espirituais incertas. Ah! Como a história se repete. Naquele instante: não pedi para ser batizado com o Espírito Santo, mas, aquele que prometeu o consolador aos seus discípulos e O deu lá no cenáculo, e posteriormente, à sua Igreja respondeu a minha oração. Em línguas estranhas e glorificações ao Pai e ao Cordeiro Exaltado, o Espírito Santo completou em meu ser a obra excelsa da Trindade. Possuído de gozo que experimentava no meu coração, levantei-me da oração e glorifiquei a Deus pelo que havia recebido (IAP, 2002, p. 50-1).

Os cristãos no Brasil no final do século XIX vivenciavam uma “seca espiritual” (IAP, 2002), referindo-se a um deserto, longo período de fracassos espirituais, apostasias e carência de Deus. Contudo, nessa mesma época, cristãos de vários lugares do mundo testemunham um fenômeno de falar em “línguas estranhas” ou dos anjos, alusão à sede sendo saciada quando reapareciam os avivamentos espirituais. O avivamento, segundo a IAP (2002), é um fenômeno sobrenatural de despertar e envolvimento da comunidade pelo desejo de testemunhar o amor de Cristo e partilhar alegria e esperança com outras pessoas. Para Nascimento (2015), esse fenômeno é uma consciência de fronteira que atua numa nova lógica capaz de romper a monoculturalidade silenciosa e objetificação do sujeito. Para ela a partir dos reavivamentos espirituais do final do século XIX, recupera-se o propósito original missional que redefine as reais motivações de libertar os cativos, incentivando a interdependência e a busca de um sentido mais humano de trabalhar com os outros, e não pelos outros.

A Igreja Adventista da Promessa só pode ser compreendida em toda a sua plenitude a partir desse fenômeno que lhe deu origem em 1932. A sua existência como um organismo vivo tem a Bíblia como fundamento; fonte de fé, ensino e prática. Dessa forma, os princípios que orientam seus comungantes dizem de sua missão no mundo. Ela é uma comunidade inserida num projeto divino que é objeto e sujeito do processo espiritual e histórico. Para a IAP (2002), um povo é forte quando tem, conhece, ama e valoriza a sua história; menção à sua primeira edição do “Marcos que Pontilham o Caminho: A História continua” de 1973, seu memorial desse movimento espiritual narrado no tempo-espaco como pessoas simples com características singulares fazem a diferença em sua geração.

Ao falar de mim, me situo nela, o quanto me forjou. No entanto, com os membros dessa comunidade, tive contato com experiências de sofrimento psicológico que, a meu ver, poderiam ser acolhidas no serviço de Plantão Psicológico. São elas:

- Conceitos limitantes à subjetividade.
- Crenças distorcidas ao expressar de-si-mesmos.
- Superficialidade nos relacionamentos.
- Ausência de autossuporte e heterossuporte.

Presencio uma acentuada dificuldade relacional entre meus pares; fragilidade nas relações interpessoais.

No biênio 2018 e 2019 me propus acompanhar um grupo de 30 mulheres, das quais 35% se envolveram e se comprometeram nas programações sociais. Nossos objetivos eram:

- Propor atividades coletivas recreativas voltadas ao entretenimento e descontração.
- Resgatar a humanidade feminina da mulher evangélica a partir de seu autoconhecimento.
- Construir vínculos afetivos e de cuidado coletivo.
- Criar espaços de encontros e diálogos saudáveis, além dos temas eclesiológicos, conforme o interesse do grupo.

A partir dos protocolos de isolamento em 2020 em razão da Pandemia, disponibilizei meu contato na comunidade religiosa, caso alguém precisasse de conversa individual.

Nos primeiros atendimentos, na modalidade online, percebi um fenômeno no início das sessões: as pessoas não abriam a câmera. Contudo, no decorrer do diálogo, era aberta naturalmente pelo cliente.

Compartilho uma experiência de Plantão Psicológico na modalidade online. Atendi uma moça que morava sozinha. Pediu no início do atendimento, para não mostrar à sua imagem. Estava muito emocionada. Diminuindo o choro, permaneceu em silêncio por 10 minutos e depois abriu a câmera. Ela descreveu de forma muito sofrida o final de seu relacionamento de três meses com um amigo. Sentia vergonha e preocupação. Depois de 30 minutos, nos despedimos. Esse foi o único contato dela comigo.

Nessa experiência, senti nascendo a plantonista, em mim. Na relação co-existencial, nascia à pessoa da cliente. A queixa que chegou caminhou no destino de sua demanda e o fenômeno revelou à pessoa ser a responsável por ela mesma.

O Plantão Psicológico nessa modalidade faz parte do meu voluntariado e é uma forma de tornar o atendimento psicológico acessível aos membros da igreja de que participo e das pessoas que o procuram no momento que se faz necessário. Esse modelo de atendimento psicológico é desconhecido desse público. O que é presente no imaginário da sociedade é que a procura por um psicólogo e/ou psicoterapia é direcionada a um grupo específico de pessoas que ela acredita precisar. Na compreensão de Pompéia & Sapienza (2013), a palavra *pró-cura*, assim pronunciada, alcança o seu original significado *cura*, que, em latim, significa cuidar. A *pró-cura* é esse momento como a pessoa procura pelo cuidado; ela mobiliza o diálogo, a teia relacional humana. O movimento de sair-de-si-mesma e lançar-se ao não sabido; abertura de poder-ser a cura-de-si-mesmo, seu compromisso de se cuidar. O desafio que me leva a propor o Plantão Psicológico nesta comunidade religiosa, desprovida de psicólogo na igreja local, é ajudar as pessoas que sofrem a reconhecerem que podem contar com a Psicologia.

## 2 O PLANTÃO PSICOLÓGICO

O Plantão Psicológico é genuinamente brasileiro. Teve suas primeiras ações no final da década de 1960 no SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem da USP, com a professora Rachel Lia Rosenberg. Atualmente, diante da emergente e real necessidade da sociedade brasileira, Furigo et al (2008) identificam um vertiginoso crescimento dessa ação clínica. As pesquisas acompanham a ampliação desse serviço nos diversos contextos sociais e comunidades fora das clínicas-escolas em todo o país. Mota e Goto (2009) reconhecem no Plantão Psicológico novas possibilidades de atendimento clínico numa concepção de “clínica ampliada” para outros âmbitos. Amorim e Branco (2018) ressaltam a maior contribuição que impulsionou a prática de Plantão Psicológico: promoção de saúde ocorrida com o processo de Consolidação da Reforma Psiquiátrica e que possibilitou inserir e ampliar a Psicologia nas políticas públicas do SUS. Dessa forma, afirma Morato (2006) que o Plantão Psicológico é uma modalidade de prática psicológica e uma metodologia de pesquisa. Sua forma reflexiva configura no seu modo próprio de atendimento clínico na atualidade.

### 2.1 Fenomenologia Existencial como Fundamento do Plantão Psicológico

Holanda (1997) reitera que a fenomenologia é um método filosófico e *fenômeno* é o que se revela. Enquanto metodologia, ele busca apreender a essência da experiência humana desvelada, tal como se mostra. Nessa concepção, *ir às coisas mesmas* é conceber o ser humano como sendo o fenômeno de seus próprios atos no mundo.

Roehe e Dutra (2014) confirmam que o surgimento dessa concepção de ser humano ocorre com Heidegger na sua obra *Ser e Tempo*. Nele expressa o modo especificamente de ser humano (ser-aí, Dasein) ser humano é se relacionar consigo mesmo; um ser-no-mundo, a essência existencial humana é a sua possibilidade de abertura, um não-ser que pode-ser o responsável pelo seu sendo com o mundo.

Nessa perspectiva da Fenomenologia Existencial, a espontaneidade de a pessoa procurar pelo Plantão Psicológico, (a *pró-cura*) faz sentido para ela, uma mobilização por um cuidado. Segundo Pompéia & Sapienza (2013), a *pró-cura* por si só já configura um ato terapêutico. Critelli (2009) resalta a influência e importância da filosofia para a psicologia; a filosofia é uma reflexão de nós mesmos – pensar o pensamento é um convite a rever nossas

questões, nossas verdades, nossas crenças, nossos preconceitos, nossos valores e nossos projetos; ela nos pro-voca e con-voca a pensar como pensamos e, no exercício de pensar, podemos experimentar profundas transformações no nosso modo de viver. Para a filósofa, o pensar é uma faculdade do espírito humano. São atos do pensamento: pensar, compreender, conhecer e contemplar. Ela apresenta a diferença entre os atos de pensar e de compreender; ambos se encarregam de entender os significados dos acontecimentos. No entanto, o que os diferencia é o como se chega ao significado dos acontecimentos. O pensar, na visão de Critelli (2009), coincide com a filosofia ao se propor aprofundar sem pressa, enquanto a compreensão se vê na dinâmica de responder às exigências da vida cotidiana. São atos distintos, mas, não se excluem enquanto partícipes do pensar. No diálogo reflexivo entre pensar e compreender, o existir humano abre possibilidades de ação no enfrentamento e transformações dos seus dilemas. Ela reconhece que em cada época histórica surgem inquietações que desalojam o ser humano do seu lugar no mundo, mas, como um ser único, singular e de abertura, este busca constantemente, de um modo criativo, ser-com-o-outro numa teia interacional.

## **2.2 O Plantão Psicológico e sua História**

Na compreensão de Morato (2006), o plantão é uma metodologia, uma ação clínica-investigativa que visa esclarecer junto àquele que sofre sua demanda e, a partir de suas possibilidades, ajudar a pessoa a se responsabilizar pelo seu próprio cuidado e, bem como resgatar as dimensões da sua condição humana. A horizontalidade dessa postura reflexiva relacional possibilita para ambos conhecerem a situação e, uma intervenção de maneira crítica e compreensiva da experiência humana. A partir desse horizonte compreensivo como questão de sentido e denominado de “análise fenomenológica hermenêutica” (Barreiros, 2017, p.810) é uma referência à fenomenologia heideggeriana. Para ele, a interpretação é uma condição ontológica do ser. Estar diante da indeterminação do ser humano é ver um ser de abertura; Dasein, o ser-aí lançado com suas possibilidades de existência referindo-se a analítica existencial de Martin Heidegger.

Com a fórmula heideggeriana de compreender o ser, salienta Barreiros (2017), a existência do ser é condição *sine qua non* ao ato de ser compreendido no seu modo-de-ser consigo, com os outros e com o mundo. Confirmado por Critelli (2009), o sentido que o ser humano tem da vida é o sentido que faz na vida. Nessa perspectiva ética de questionamento

do ser humano querer saber de sua vida, poderá conduzir-se à compreensão de si mesmo. Só ele é o responsável pelos seus atos.

Questionamentos como: Quem sou? Como estou sendo? Qual meu propósito nesse mundo? Na hermenêutica de ser humano \_o que faz, o que pensa, o que quer \_ abre-se a possibilidade do ser humano refletir e julgar a si mesmo. Na visão de Critelli (2009), a transformação de si mesmo é um processo de aprendizagem que se concretiza pelo ato de pensar, compreender e julgar o seu-modo-de ser consigo, com os outros e com o mundo. Nesse mesmo sentido, Morato (2006) não vê no modo-de-ser da pessoa nenhum obstáculo a ser transportado ou adaptado a uma norma padrão. Assim, o Plantão Psicológico é uma atitude potenciadora do ser e seu diferencial é o modo de proceder do plantonista, como ele escuta o sofrer de seu cliente. A forma própria de ser presença é o que inaugura o ser dos homens em relação, o que afeta e como é afetado. Sendo assim, a partir dessa compreensão de escuta de si mesmo e do outro que fala, é possível se posicionar criativamente. Ancorado na linguagem, o fazer do plantonista está posto; sua prática enquanto ação humana é contemplar a necessidade vivida, com reverência à narrativa histórica do sujeito na sua potencialidade e vulnerabilidade. Segundo Morato (2006), a concretude do Plantão Psicológico se dá no encontro da relação *ser-no-mundo-com-outros*. A situação em que se encontra é impulsionadora pela ação. Sendo assim; percebe-se que o fazer do profissional psicólogo é percorrer um caminho autêntico em que o plantonista é pro-vocado a agir na situação em que se encontra.

Nessa modalidade de atendimento clínico, o encontro por si só é a possibilidade da compreensão e da abertura entre o plantonista e a pessoa que o procura; uma ação dinâmica e flexível de cuidado, sendo a dialética relacional mediada pela dialogia do encontro. A escuta atenta da experiência e a compreensão advinda dessa reflexão do ser existencial são a peculiaridade do fazer plantonista, que não se adequa a conceitos e teorias psicológicas.

O Plantão Psicológico tem um potencial criativo. Cury e Ramos (2009) afirmam que o ambiente de escuta atenciosa proporciona a quem por ele procura um espaço que possa ser seu *ethos*, morada sagrada do ser. Furigo (2006) reitera que quando essa postura se consolida, a mobilização desbloqueia a criatividade travada pelas circunstâncias da vida. Assim, essa atitude do plantonista inspirada pela abordagem fenomenológica existencial, seu caráter de colocar toda e qualquer teoria entre parênteses e de ser disponível ao inesperado e estar aberto ao que se mostra e como se revela é que o distingue de outras práticas e modelos clínicos convencionais.

Desde a sua origem, O Plantão Psicológico pode ser compreendido como uma modalidade do Aconselhamento Psicológico. A sua história foi marcada por momentos de transição e transformações fundamentais para a Psicologia como Ciência e Profissão do Psicólogo no Brasil, Morato (2009). Idealizado em 1969 por Rachel Lia Rosenberg e Oswaldo de Barros Santos, o caminho do Aconselhamento Psicológico é legitimado como “lugar de fronteiras” (Morato, 2006, p. 3), ou seja, revelando naquele momento a sua identidade, e, tendo consciência de si mesmo, brotava um sentimento coletivo de pertencimento naquela comunidade.

O Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) tendo como Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, surgiu da necessidade de um espaço e lugar para os acadêmicos do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da USP estagiarem. Aquela demanda da comunidade abriu uma “brecha” aquele lugar restrito e modesto se revelou, passou por reestruturações de sua equipe, possibilitando a ampliação de oportunidades e alternativas de atendimentos aos alunos, bem como a inclusão na sua grade das disciplinas de graduação e cursos de extensão que contemplavam a urgência daquele momento. O SAP é uma referência como espaço acadêmico e institucional de fomento à pesquisa e prática do Aconselhamento Psicológico e formação do psicólogo. Seu serviço de Plantão Psicológico é aberto à comunidade, e, atualmente, por razões organizativas, atende a região do Butantã e a comunidade da USP (Morato, 2006).

Morato (2006) ressalta que em 1998 foi criado o Laboratório de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica Existencial (LEFE) como a proposta inicial do SAP abrir as novas experiências e práticas do Aconselhamento Psicológico e de suas modalidades de plantão, supervisão de apoio e oficinas de criatividade. Desde a sua criação, o SAP é marcado por momentos de transição e transformações fundamentais descritas por Morato (2006, p. 3), como um “lugar de fronteira”, revelando dessa forma um sentimento coletivo de pertencimento a comunidade.

O Plantão Psicológico na perspectiva fenomenológica existencial tem viabilizado pesquisas de novos métodos de intervenção educacional, possibilitando o aprimoramento e o desenvolvimento dos futuros profissionais da psicologia nessa modalidade clínica. Nesse sentido, na sua forma de ser uma modalidade aberta, é uma clínica fenomenológica existencial que lida com o inesperado e suscita-nos algumas reflexões: Como estão sendo realizados os plantões? Suas formas de atendimento têm atendido a pessoa que dele precisa? Que relevância tem um Plantão numa comunidade religiosa?

O Plantão Psicológico é criativo, instigante e questionador e a sua forma de ser nos convoca a compreender sua dialética. Isso é objeto de sua investigação e metodologia enquanto abordagem clínica. A plasticidade dessa modalidade de atendimento tem alcançado diferentes públicos, situações e espaços. Como espaço de escuta, sua atitude disponível é compreender as experiências da pessoa que busca por essa ajuda. Essa prática também se configura como fenômeno a ser pesquisado, tanto o que é, quanto o que não é; a percepção do parecer ser instiga o pesquisador plantonista a investigá-lo numa postura interessada ao que se mostra e como se mostra.

Desta maneira, Morato (2006) aponta que a fundamentação ontológica dos homens discutida pela perspectiva fenomenológica existencial se mantém implícita na relação entre o pesquisador e o fenômeno a ser investigado. A indagação do pesquisador o encaminha a partir desse *aparecer* dos entes como desdobramento da temporalidade e existencialidade dos humanos enquanto ser-ai. A arte é ação humana; experiência singular reflexiva oriunda de uma percepção daquilo que lhe cerca. É o que lhe confere sentido no seu projeto existencial.

A linha limítrofe do Plantão Psicológico é a *technè*, a tessitura-acontecência minuciosa do como é feito. *Curiosear* é o seu ponto de partida; o emaranhado das linhas que passam e repassam a fronteira humana cuidadosamente da *démarche* clínica plantonista despertam a sua *pró-cura* pelo atendimento. Nessa perspectiva fenomenológica, o Plantão Psicológico, é a ação clínica na dimensão tácita, de não nomear o que se desvela, mas como se revela; enquanto acontecimento, a possibilidade de compreensão para os envolvidos, a saber, plantonista/cliente da trama, (Morato, 2006). A descrição dessa minuciosa investigação leva a uma cartografia clínica.

*Cartografia* refere-se ao cartografar enquanto método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles. O desenho do cartógrafo desvela simultaneamente o território e a si mesmo, pois ao caminhar pelo relevo e ao olhar para o horizonte descobre formas e contornos pelos quais torna presente uma região: sua missão é criar língua para os movimentos, dando-lhes condições de passagem e efetuação. Criação da co-existência (Morato, 2006, p. 5).

A complexidade que marca a existência do Plantão Psicológico, de acordo Morato (2006) articula como esse terreno fronteiro. Não há uma definição e explicações que o estruturam é uma modalidade de prática psicológica que, na sua inteireza não se limita a teorias, conceitos e técnicas, tão apreciados por outras modalidades de plantão.

Os projetos de Plantões Psicológicos, além do proposto pela USP, têm uma característica que se assemelha com o Plantão do SAP que é a questão da urgência. Estes

plantões se prezam pelos compromissos no momento da crise, e essa característica tem sido levada adiante como o modo de acolher pedidos de outras instituições que solicitam intervenções. Nessa abertura clínica de ser flexível no seu modo de atuação, percebe-se que plantonistas vêm sensibilizando os mais diversos espaços com sua presença, tornando o atendimento acessível às pessoas em sofrimento que procuram por ajuda.

Dada à procura pelo plantão, a demanda da clientela assistida também aumentava, e a partir de 1990 se fez necessário abrir à diversidade, pluralidade e a singularidade. Dessa forma, o plantão foi se contextualizando e se compreendendo a partir da realidade experiencial nas dimensões antropológica, sociológica e política da cultura vigente. Morato (2009) reitera que naquele momento o Plantão Psicológico foi con-vocado e pro-vocado, e, frente à necessidade da comunidade, abriu-se aos estudos interdisciplinares. As experiências e narrativas da população atendida exigiram saberes específicos que os alcançassem na sua singularidade.

A partir da década de 1990, as pesquisas apontam o empenho na solicitação pela implantação do Plantão Psicológico em diferentes contextos institucionais. Rocha et al (2009), Mozena e Cury (2010), Mahfoud (2013), Comin (2014), Amorim e Branco (2015) Lima e Ribeiro (2018) ressaltam que os pedidos pelo atendimento em Plantão Psicológico foram além das Clínicas-escolas, implantando-se em variados locais e contextos, tais como: serviço de atendimento jurídico, grupo comunitário, distrito policial, centros espíritas, hospitais, escolas, comunidades, salas de espera, CRAS, delegacias, lar de idosos, centros de convivência, igrejas, entres outros. Culminam na atitude de fazer uma Clínica diferente do modelo clínico tradicional. Partem todos dessa ampliação do serviço, bem como da abertura do cuidado com o outro. Vale ressaltar, segundo Mahfoud (2013), que o movimento dos clientes em direção a esse atendimento é a razão de ser do Plantão. Ao colocá-lo como serviço disponível a quem dele precisa, o atendimento chegou os mais variados contextos em que a presença de um psicólogo se faz necessária. Essa configuração espontânea do contato expressa uma das questões existenciais do ser humano: cuidado.

Desde 1999, o LEFE desenvolve Projetos de Atenção Psicológica em Instituições. Esta postura veio dos pedidos formalizados de representantes de outras instituições de desenvolver metodologias interventivas que podem mudar a cultura onde estão inseridos. A atitude de ser-entre-homens \_ ser em situação contextualizado em uma cultura, num certo espaço e num determinado tempo é que faz o ser plantonista; ele se faz em situação. É a

atitude dos acadêmicos interessados em participarem da produção de conhecimento no contexto institucional que tem os possibilitado intervir onde estão.

Segundo Morato (2009), o Plantão Psicológico destoa da clínica tradicional no sentido do que essa modalidade de cuidado se propõe. Ela é uma ação clínica radical na relação com os sujeitos envolvidos e marca o espaço; o espaço da situação, da realidade sociocultural do cliente/plantonista, que é atravessada por possibilidades e limites permitidos pela instituição. Sua prática é um desafio, ele se apresenta como prática de atenção psicossocial onde estiver implantada. O Plantão, enquanto metodologia de pesquisa e prática interventiva inserido nas universidades públicas tem por objetivo ampliar o exercício do bem-estar em comunidade, uma articulação possível da universidade e comunidade. Segundo Morato (2009) a realidade social pode ser compreendida pelos próprios cidadãos. Sendo assim, a práxis psicológica dessa clínica visa marcar o caráter ético (*ethos*) de ação na comunidade.

O atendimento em Plantão Psicológico pauta-se pela possibilidade de esclarecer a demanda apresentada ali, junto daquele que sofre. Pela perspectiva fenomenológica, aquele que procura por cuidado psicológico apresenta-se por sua própria história, tecida na trama de significados do mundo no qual se constituiu (Morato, 2009). Ou seja, o cliente se traz já imerso no social no qual foi lançado como humano. É a partir dessa teia de relações constituídas e instituídas que o plantonista, também imerso em um mundo, vai ser ouvinte dessa narração. Assim, o sofrimento existencial manifesto não pode ser compreendido como mera interioridade individual, passível de corroborações teóricas sobre o psiquismo como entidade em si.

No atendimento em Plantão Psicológico, o sujeito traz sua experiência que diz dele e de sua afetação, dos entraves, e é através do diálogo que o plantonista, juntamente com ele, vai amarrando e respondendo ao que e como se mostra na sua história, sendo que a caminhada é do cliente. O plantonista se propõe a estar com ele. Nessa perspectiva ontológica de ser, o cliente pode escolher ou não querer responder ao apelo de cuidar de si. A demanda é sempre do cliente. A sua procura pelo cuidado psicológico é permeada pela própria necessidade do ser humano: a de ser compreendido. Essa clínica implica uma atitude atenta do plantonista de recolher as narrativas dos sofredores, no sentido de ajuntar os pedacinhos numa escuta afinada da experiência e compreensiva de suas histórias. O plantonista empresta os seus ouvidos às falas de um modo atencioso e amoroso e, debruçado, sente a dor e cuida da dor.

O Plantão Psicológico, desde o seu surgimento, mostra-se como uma modalidade de atendimento clínico diferenciado e desafiador Morato (2006) confere seu caráter investigativo

ao remetê-lo tanto ao fenômeno como ao método. Cardoso (2021) endossa essa compreensão; para ela, o plantão é um processo de atendimento completo, com começo, meio e fim e, nesse espaço-presença, a escuta de si mesma possibilita à pessoa que busca pelo atendimento ser a protagonista de sua própria história. Nesse sentido, o plantão é potencializador e potencializado; sua intervenção enfatiza sempre as potencialidades humanas. Como uma estratégia de clínica ampliada, dispõe-se à receptividade de quem chega e, com a abertura ao inesperado, é, encontro relacional dialógico de fala e de escuta. Cury e Ramos (2009) reconhecem ser o espaço que promove uma compreensão da essência do ser humano, revelada no processo de viver a existência.

### **2.3 A Plasticidade do Plantão Psicológico**

A plasticidade e a inventividade proporcionadas nessa modalidade de serviço têm constituído uma prática psicológica própria. São vários Plantões acontecendo, nos mais variados contextos sociais, alargando as concepções acerca do atendimento clínico. A atitude clínica do plantonista vai muito além de uma estrutura estática de consultório. A escuta clínica ocupa seu lugar por direito. A interlocução ativa do encontro se efetiva na procura situacional. Assim, termos como “queixa” e “demanda” se dão na flexibilidade e na urgência de quem procura encontrar alguém tão humano que, imbuído de sua humanidade, esteja disponível para escutá-lo.

Assim como o Plantão Psicológico, Amorim e Branco (2015) ressaltam que a Clínica Ampliada é uma possibilidade de romper com a concepção de saúde-doença adotada pela clínica tradicional. O objetivo dessa clínica é construir vínculos na comunidade e escutar as suas narrativas. Essa mudança de postura clínica entre profissionais da saúde mental e usuários tem proporcionado uma maior participação e autonomia daqueles que sofrem. Nesse sentido, o Plantão Psicológico é uma clínica ampliada por construir efetivas estratégias de cidadania com base nos saberes e práticas de saúde que humanizam o cuidado e que possibilitam reflexões na comunidade. Esses saberes são orientados pela Reforma Psiquiátrica, que visa, numa abordagem preventiva e de promoção à saúde, resgatar a história de vida do usuário.

Morato (2009) complementa que o Plantão tem a possibilidade do exercício clínico, pedagógico, ético e político de um compromisso cidadão. Segundo ela, uma rede de apoio como possibilidade de estender a prática do Plantão que viabilize atenção e cuidado para além

do momento da procura deve estar embasada pela ótica da fenomenologia existencial. Qual o sentido da rede de apoio? Ela explicita que a rede de apoio faz sentido na clínica-escola como forma de manter o ensino voltado à inserção social e que justifique a formação do psicólogo e a sua realidade e os desafios de sua atuação em contextos físicos e sociais os mais diversos. A autora reitera que a atitude clínica dos plantonistas é de comprometimento com sua pertença no mundo, pois ousam romper com o conhecido e aventurar-se em descobertas compatíveis com as demandas de uma clientela diversificada. Sua atuação é voltada às necessidades de atendimento adequado a quem procura por ajuda, não se prendendo à rigidez de teorias e técnicas, nem restringindo sua clientela.

O desafio dos plantonistas no seu contexto é compreender o sentido de sua prática. Expostos ao sofrimento humano, sentem-se inquietos e querem hospedar e oferecer o cuidado a quem pede por ele. Segundo Morato (2009) o atendimento em Plantão Psicológico parte desse incômodo. Conforme explicitado por Schimidt (2004), atender em Plantão Psicológico é responder a demandas.

A partir de uma leitura fenomenológica, percebe-se que o lugar do Plantão Psicológico vai além de compreensões prévias e estigmas presentes na formação do psicólogo nas graduações. Cury e Ramos (2009) apontam nas suas pesquisas os efeitos terapêuticos significativos tanto para clientes como para os plantonistas em relação à intersubjetividade oriunda dessa modalidade de atenção psicológica, destacando a motivação que o cliente relata. Ao se sentir vulnerável, encontra no serviço um espaço confiável de fala e de escuta no qual abrem novos horizontes.

O plantão se apresenta inventivo, questionador e também desalojador, na visão de Morato (2009), a referir-se à formação do plantonista, sem nenhum procedimento que lhe sirva de sedimento. A clínica radical acontece quando o residente se faz radicalmente junto da experiência do cliente em situação. Essa vivência é carregada de angústia frente à liberdade do outro ser. Portanto, esse modelo de clínica em Plantão Psicológico se faz necessário já nos primeiros períodos de formação, como um diferencial no curso de psicologia na abordagem fenomenológica existencial. Evangelista (2021) afirma que o atendimento psicológico se dá na relação tácita ao ofício do cuidado, expresso no modo-de-ser-com o cliente e não unicamente a partir uma teoria incorporada pelo psicólogo.

Morato (2009) refere-se ao espaço de produção de conhecimento, onde o estudante da psicologia se prepara e começa a se constituir como psicoterapeuta, confirmada por Figueiredo (1993), que legitima o diferencial desse profissional do encontro, ao referir-se à

coragem do psicólogo ser disponível para a alteridade daquilo que não lhe é familiar. Schimidt (1991), por sua vez, descreve o aporte político desse profissional; seu suporte ao cliente é também o de rever como os dispositivos teórico-práticos do saber constituído impossibilitam à clientela questionar as táticas do saber que dominam sua subjetividade. Esse é o contexto de muitas pessoas que vivem nas comunidades consideradas vulneráveis socialmente.

Morato (2009), a partir da metáfora do broto, refere-se ao fazer clínico do plantonista como: “Plantão Espontâneo”. Este se dá a partir da espontaneidade da presença do pesquisador/clínico, respeitando a atenção à diversidade de contexto e à pluralidade e à especificidade de demanda real da comunidade. Segundo ela, é possível conhecer as necessidades da comunidade, as questões próprias dos sujeitos e propor atividades que tenham sentido para eles. Dessa forma, a prática do psicólogo é de compromisso junto à comunidade, disposição em conhecer os seus moradores e participar junto deles, deixando-se afetar pelo seu cotidiano vivencial.

Morato (2009) conclui que o Plantão Psicológico em instituições se dirige como alternativa em Aconselhamento Psicológico em meio a diálogo e tensões. Sua práxis psicológica é promover a busca de bem-estar e de poder-ser-si-mesmo de quem procura o Plantão Psicológico. Nessa mesma perspectiva, Lima e Ribeiro (2018) afirmam que o plantão proporciona, na emergência de uma ruptura, outra forma da pessoa estar-no-mundo na sua alteridade transitória; um ser-no-mundo a partir de-si-mesmo. A ação de estar-no-mundo-com-o-outro designa a atitude atenta e disponível do plantonista, na sua dimensão temporal e espacial de se fazer presença no acontecimento por uma escuta fenomenológica existencial.

### 3 SOFRIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADES VULNERÁVEIS SOCIALMENTE

A Psicologia, para Morato (2009) é uma intervenção que ultrapassa os muros da Universidade. Seu alcance da realidade social vai além das teorias. O cliente, imerso no seu contexto social, assim como o profissional são lançados no mundo. A partir dessa teia relacional coexistente, entende-se que o sofrimento humano não pode ser uma mera interioridade individual. O psicólogo é afetado e convocado a responder ao clamor dessa existência que sofre. A pessoa em sofrimento busca por cuidado e, na sua necessidade de ser compreendida, compartilha de uma realidade socialmente negligenciada. O papel social da Psicologia é o de acompanhar e de desconstruir determinados discursos produzidos dos modos do sujeito ser e estar no mundo, salientam Guareschi et al (2007) e Reis et al (2014). A prática da Psicologia enquanto campo do saber é o de problematizar e transformar as experiências do sujeito, bem como o de acompanhar novos saberes para as práticas psicológicas.

Na visão de Guareschi et al (2007), uma posição desvantajosa dos sujeitos em determinadas populações os torna inscritos como vulneráveis frente às condições de promoção e garantia dos direitos de cidadania. Com o objetivo de compreender o sofrimento psicológico de comunidades em condição de vulnerabilidade social, torna-se pertinente ampliar e compreender quais efeitos esse conceito exerce na construção da identidade dos sujeitos.

O termo vulnerabilidade tornou-se conhecido no início da década de 80 a partir dos estudos sobre a síndrome da imunodeficiência (AIDS). Guareschi et al (2007) recordam desse conceito inicialmente trabalhado na área dos direitos humanos como discriminação social, tais como: grupo de pessoas específicas; homossexuais e usuários de drogas numa referência a “grupos de risco” e mais tarde alcançando a área da saúde por se referir à doença – AIDS – associada ao medo e à moral. No entanto, esse enfoque dado a “grupo de risco” foi disseminado e prevalece atualmente como um marco discriminatório entre determinados indivíduos, famílias e grupos sociais.

Nesse contexto, Reis et al (2014) contrapõem essa visão da vulnerabilidade como conduta de um grupo específico. Ampliam esse conceito para a esfera da vida social, campo da educação, do trabalho, das políticas públicas, concernente às condições de vida e suportes sociais. Nesta perspectiva, Guareschi et al (2007) concebem a vulnerabilidade como a

impossibilidade de o indivíduo acessar a bens materiais e a bens de serviços que possam suprir suas necessidades. Nessa condição, uma situação insuficiente e inadequada em que um grupo se encontra para lidar com as oportunidades disponíveis pela sociedade o faz vulnerável. Dessa forma, constatam o quanto uma inscrição social como a de pessoa vulnerável é um impeditivo de o sujeito movimentar-se nas estruturas sociais e econômicas, de modo que possa modificar sua situação.

Guareschi et al (2007) vinculam o conceito de vulnerabilidade social à restrição e às impossibilidades de ascensão dos indivíduos em sociedade. A inviabilidade de mobilidade social nas estruturas sociais e econômicas não se atrela à pobreza e carências das populações. Os indivíduos podem estar restritos pela sua cor de pele, sem necessariamente ser por uma desvantagem econômica. Guareschi et al (2007) explicitam a dinâmica desta estratégia de dominação: são as organizações simbólicas que formam o aparato ligado ao conceito de vulnerabilidade social. Essa relação é constituída pela posse ou controle de recursos materiais ou simbólicos que permitem que esses indivíduos se locomovam na tessitura social pela organização das Políticas de Estado. Dessa forma, a vulnerabilidade pode ser associada à precariedade cidadã; cidadania negada com restrição ao acesso à renda; os sujeitos tornam-se privados dos meios para superar as vulnerabilidades vivenciadas.

Ao conceituar vulnerabilidade social, Guareschi et al (2007) ressaltam ser preciso considerar os fatores específicos da comunidade como resultado de determinados arranjos sociais e políticos que incidem sobre o sujeito. Segundo elas, os diferentes dispositivos de marginalização são produzidos pelo sistema econômico e social e muitos discursos historicamente materializados padronizam o comportamento como certo e errado, bem como, normal e anormal. Elas apontam ainda que muitos saberes científicos legitimam um modo-de-ser dos sujeitos no mundo, nomeados de desviantes. Dessa forma, aqueles que estão fora do padrão socialmente aceito são inseridos no processo de exclusão, tornando possível que pessoas oriundas de populações carentes sejam consideradas vadias e enquadradas pelas políticas públicas. Estas se baseiam no critério de produção capitalista de que ser útil e ativo é produzir para o sistema, o regulador da ordem social. Nessa lógica, prevalecem os grupos hegemônicos sobre os grupos vulneráveis; convencidos de sua incompetência, não enfrentam tal imposição. Guareschi et al (2007) reiteram que esse discurso convincente do saber excludente e dominador é o de acomodar e inibir as populações consideradas vulneráveis a se recuarem do seu desejo de lutar por seus direitos. Esse movimento político legitima a exclusão social e seus aparatos de dominação.

A partir desse minucioso estudo, os pesquisadores compreendem que o processo de exclusões vai além da vulnerabilização do corpo, da exposição do sujeito e da morte biológica. A vulnerabilidade também restringe a vitalidade dos sujeitos e de suas formas de ser-no-mundo. Esse olhar da Psicologia Social abre caminhos de reconhecimento da produção do conhecimento como uma via de transformação de os sujeitos se perceberem coexistindo nos modos como relacionam consigo mesmo, com os outros e com o mundo. A temática da vulnerabilidade social nesse viés reflexivo, politizado e democratizado amplia a leitura dos movimentos sociais evidenciando seus efeitos como base na construção de políticas públicas. Seu enfrentamento nas diversas vulnerabilidades sociais produzidas por um sistema avassalador das subjetividades humanas desconstrói o que reifica as relações sociais e acirra as desigualdades, miséria e pobreza como sendo naturalizadas.

A partir do exposto, Guareschi et al (2007) e Reis et al (2014) compartilham o conceito: a vulnerabilidade é vinculada à mobilidade social. Isso se dá, pois, as possibilidades que indivíduos em vulnerabilidade social têm de se movimentarem nas estruturas sociais e econômicas são restritas em termos de modificação de inscrição social. Possibilitar a estes sujeitos enfrentarem as suas demandas e necessidades como protagonistas de sua história é garantir os direitos de cidadania. Os pesquisadores apontam que os jovens, ao serem inscritos como vulneráveis, são tomados como seu destino de vida, limitando as suas possibilidades de ocuparem posições sociais e culturais no seu contexto social. Tais discursos reforçam a ideia de inadequação e incapacidade desses grupos lidarem com as oportunidades oferecidas pela sociedade. A desconstrução desse legitimador de exclusão perpassa pela efetividade de programas educacionais envolvendo esses atores sociais debaterem sobre esses conceitos que os engessam em determinadas posições sociais.

A discussão sobre o tema vulnerabilidade social, a partir da falta e do não acesso a um serviço, amplia a compreensão desse conceito como um propulsor de políticas públicas. Problematizar a vulnerabilidade como uma restrição social é possibilitar que a produção de novos saberes sobre direitos sociais e cidadania alcancem outros espaços comunitários, instituições sociais e, bem como as comunidades religiosas.

Como afirma Morato (2009), o Plantão Psicológico é um fenômeno a ser investigado no que mostra e como se mostra. Essa Clínica na abordagem fenomenológica propõe cuidar e ajudar pessoas a se encontrarem em sua situação, como-são-no-mundo, e possibilitá-las um espaço de poder ser, com vez e voz. Sua atitude crítica e seu compromisso social com seu público é refletir sobre a transitoriedade de suas identidades. Nesta perspectiva, o Plantão

Psicológico é ação potencializadora das vivências e experiências das pessoas em qualquer contexto social, não apenas acolhendo o momento da sua queixa, mas propiciando uma escuta atenta do modo como essa pessoa está vivenciando sua queixa e se inquietar pelo natural e familiarizado do cliente.

A dinâmica do Plantão Psicológico é um suporte social e político. As discussões e reflexões da situação cotidiana nos mais variados espaços e contextos sociais faz dele uma referência democrática. Neste contexto, o psicólogo se vê *con-vidado* e *con-vocado* a participar das transformações sociais onde está.

A partir dos estudos de Reis et al (2014) e Guareschi et al (2007), torna-se mais claro compreender como as estratégias dos discursos hegemônicos alcançam as classes subalternas. Segundo elas, o malfadado desconhecimento dos tais saberes e de como foram produzidos e para que servem convence as pessoas que suas opiniões são desalinhadas das científicas, impossibilitando-as de contestarem e tomarem posições mais radicais sobre seu contexto social. Essa hegemônica unilateralidade é tomada pelo outro como seu-modo-de-viver alienado. A ressonante insignificância imposta desses discursos repercute diretamente no seu modo-de-ser, gerando desconforto e sofrimento nas pessoas que residem em comunidades socialmente vulneráveis.

O ser humano é seu corpo, nele reside sua história, amores e dores, tristeza e alegria, aconchego e desprezo. A negação de tais expressividades próprias da condição humana configura um perder da inteireza do ser abertura, criatividade e crescimento. O corpo humano clama na sua totalidade por uma escuta e atenção de suas necessidades e na constante negligência de si mesmo, o espontâneo do ser se converte num fechamento das possibilidades da temporalidade e espacialidade existencial.

#### 4 PLANTÃO PSICOLÓGICO NA COMUNIDADE RELIGIOSA

Como seres relacionais, há uma real demanda do ser humano por atenção e compreensão. Afirma Buber, “o diálogo é o fundamento da existência humana (Buber, 2003, p.139). Compreender e ser compreendido perpassa pela percepção da mutualidade, cooperação e da reciprocidade; reconhecer-se a partir da relação com o outro é um sentimento de pertença. Essa é uma necessidade primária, constitutiva do ser existencial. A proposta de ofertar o Plantão Psicológico na perspectiva de escuta atenta é um diferencial para todo o público, em especial o vulnerável, atendido pela comunidade religiosa da qual faço parte. Esse atendimento é fundamentado na Fenomenologia Existencial e se pauta em cuidar da pessoa no momento de sua crise existencial. É um cuidado com atenção, postura de reverência, dedicação e zelo pela história do outro. Como reiteram Braga et al (2012), ao relacionar atenção com compreensão, o ato de compreender só é possível mediante uma atenção cuidadosa.

Guareschi et al (2007) afirmam que as identidades são constituídas em redes discursivas de poder. Historicamente, alguns métodos e motivações nas comunidades religiosas reproduzem uma prática missionária colonialista que não visualiza o outro como um sujeito e, por vezes, desenvolve-se uma crença de que um superior é o responsável por sua vida (Nascimento, 2015). Na impossibilidade de reconhecer a pessoa como um sujeito, especialmente o desrespeito com a alteridade, não leva em conta o nome, a história e a identidade do outro, reduzindo-o a um objeto. Segundo Padilla (2018), é na sutileza da tentação ao poder que se destroem as relações humanas. Tais encontros unilaterais rompem os compromissos em benefício próprio. Nos últimos anos, uma acirrada polaridade tem culminado uma expressiva ruptura relacional em comunidades religiosas. Para Nascimento (2015), é preciso desconstruir aquilo que a tradição moldou ao longo dos séculos. Desconsiderou a cultura, desrespeitando a dignidade e alteridade do outro. Nunca houve na humanidade e, em especial, nas comunidades religiosas, a necessidade de repensar o mundo na perspectiva do outro e de se colocar em seu lugar. Tocar, de fato, o coração das pessoas deve ser o caminho de resgatar a dignidade humana, com base nos direitos sociais de humanidade e cidadania plenas. A história das relações humanas no Ocidente é marcada por táticas de poder. Nesse contexto, tanto Guareschi et al (2007) Reis et al (2014); Nascimento (2015) e Padilla (2018) compreendem que determinadas práticas hegemônicas impostas aos sujeitos limitam o seu modo-de-ser e estar-no-mundo. Para Nascimento (2015), são relações

verticais, fruto de um sentimento de superioridade objetificante do outro; invisibilidade e silenciamento impossibilitando à escuta, e impondo fórmulas de como viver sabotam o diálogo.

Fromm (1958) considera o quanto o encontro afetivo pode romper entre duas ou mais pessoas estranhas a parede que as separa no momento singular de experiência de vida. O amor é um fenômeno exclusivamente humano, relacional e compartilhado, e nele está a tarefa de cada um, afirma Buber "foi pelo amor que o mundo foi criado" (Buber, 2003, p. 82), uma referência às pessoas e suas capacidades de realizarem a totalidade do ser-no-mundo compartilhado. O Plantão Psicológico é uma prática psicológica constituída de uma ação amorosa pertinente ao seu modo peculiar de presença; a presentificação da arte de cuidar. Para Fromm (1958), o amor é arte, tal como é viver; se quisermos aprender como se ama, é necessário tornarmo-nos conscientes dessa arte. Segundo ele, o ser humano é ávido por amar e ser amado. Falar de amor é compreender o homem na sua inteireza existencial; lançado numa situação indefinida, incerta e exposta. Ele faz parte dela.

Feijoo (2010, p.108) afirma que o homem, na sua indeterminação, é possibilidade de vir-a-ser e se constitui como liberdade, frente ao seu real e ao futuro; sua angústia. Fromm (1958) reitera que a consciência de sua liberdade é geradora de ansiedade; o humano sente-se desamparado, solitário e desprovido de qualquer capacidade de experimentar sua potencialidade e de assumir sua liberdade. Sem querer engajar e reagir de um modo ativo desenvolve um sentimento de culpa acompanhado de vergonha, a exemplo do estranhamento entre o casal (Adão e Eva) no paraíso. Diante de sua necessidade de ser compreendido (amado) abre a possibilidade de superar seu desamparo original, ser-si-mesmo com o outro também singular.

Na concepção de Fromm (1958) o amor é um ato contemplativo, uma atividade da alma, de se deixar experimentar sua unidade com o mundo. É uma atitude de caráter ativo, devolver a si mesmo. O amor é um "erguimento" (Fromm, 1958, p. 44), ele consiste em dar, e não em receber. O dar é uma experiência de elevada vitalidade e potência. Não consiste em coisas materiais, mas dá o especificamente humano, dá de si mesmo o que em si tem de vivo: alegria, interesse, compreensão, conhecimento, humor, tristeza, e demais expressões próprias. Dessa forma, a partir de sua vida, é possível dar, escolher, enriquecer, valorizar o sentimento de vitalidade do outro também ser doador.

A proposta de implantar o Plantão Psicológico na Igreja adventista da Promessa reconhece que uma relação especificamente amorosa pode ajudar a restaurar sonhos e

projetos. Os envolvidos nesse encontro relacional se nutrem; amor gera amor e a pessoa que ama responde. Na visão de Fromm (1958) as pessoas estimuladoras e promotoras de bem-estar são as que desenvolvem relações com os homens e com a natureza a partir de sua vida real, transparente, coerente e correspondente à sua vontade e de seu modo-de-ser no mundo. Nesse sentido, o Plantão Psicológico se dispõe a ser espaço-presença relacional, uma relação dialógica centrada no cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento humano.

Ser responsável é da existência, significa ter que responder às inquietudes da vida. A responsabilidade é um ato voluntário e as necessidades com as quais somos desafiados cotidianamente exigem decisões e respostas rápidas. A relação cliente-plantonista diz principalmente de um olhar com respeito, da capacidade de ver a pessoa como é e, a partir de sua singularidade, contemplá-la no seu modo único de se desvelar e poder revelar para si mesma o que pode ser a partir de suas possibilidades.

O sofrimento faz parte da condição humana; é um constitutivo do ser existencial e essa realidade humana se expressa na forma da pessoa ser-no-mundo como abertura de ser. Nesta perspectiva, as possibilidades da existência são a conscientização e atualização da situação de poder ser: liberdade. Assim como o sofrimento, a angústia constitui o existir. Como componente de si mesmo, o ser-aí projeta para além das suas limitações. A leitura fenomenológica é a possibilidade de a pessoa compreender estranhezas e familiaridades humanas da sua existência e nas impossibilidades conscientes da liberdade e responsabilidade fazer sua atualização. A superação consiste em não se limitar, mas se reinventar, desconstruir, refazer no que é significado no sentido de ser movimento e transitar entre o estranhamento e o familiar. Dessa forma, o Plantão Psicológico nada é até que o demasiado humano se perceba real no encontro consigo mesmo e possa potencializá-lo a pensar, falar, escutar e agir por si mesmo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual a relevância de ofertar e implantar o Plantão Psicológico numa comunidade religiosa? Na tentativa de responder à pergunta proposta por este trabalho, faz-se necessário retomar as reflexões apresentadas inicialmente, buscando situar a IAP (Igreja Adventista da Promessa) no tempo-espaço e os principais aspectos que marcam a sua existência e compreender quem são e como são as pessoas que formam essa comunidade. A indeterminação do Plantão Psicológico é a atitude clínica fenomenológica do plantonista, ser aberto ao inesperado, o seu alcance aos diversos contextos sociais e instituições. É clínica ampliada, no sentido de ser hóspede e também ser hospitalidade.

O Plantão Psicológico é robusto; um encontro inter-humano de novas configurações e ressignificações emergem na tarefa de existir no qual a pessoa pode compreender o seu chamamento de ser-aí na sua caminhada. Ele é ousado, despojado de teorias psicológicas explicativas e possuído de uma curiosidade amorosa, de se interessar a conhecer a pessoa em transformação e possibilitá-la abrigar sua humanidade e familiarizar-se consigo mesma. A fenomenologia existencial é a abordagem que sustenta essa clínica.

Conforme já abordado, a comunidade religiosa IAP orgulha-se de seu povo e de sua história. Sua experiência sobrenatural e singular norteia seus princípios eclesiológicos UMA (Unidade, Missão e Avivamento). Deus confia no ser humano; entregou-lhe a sua criação para cuidar. Seu projeto é pessoas e a humanidade é testemunha de que a disponibilidade de recursos no mundo sustenta a todos os seres vivos e ao ser humano dá-lhe a graça da criatividade, fazimento, realização da sua existência. Ao homem cabe-lhe a tarefa de viver e cuidar de si, coexistindo na fluidez de seu existir consigo, com o outro e com o mundo. Enfim, de ser a diferença onde estiver.

O Plantão Psicológico não substitui o aconselhamento pastoral existente na igreja local. A sua proposta, reitero, é acolher afetivamente a pessoa que busca por um cuidado psicológico na modalidade de escuta fenomenológica. O Plantão Psicológico é espaço-presença para a pessoa ser ela mesma; escutar e expressar seus silêncios, mas também verbalizar o que está contido como sentimentos, choro, dores, frustrações, medos, raivas etc, sem qualquer juízo de valor.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Fázia Beatriz Torres; ANDRADE, Andréa Batista de; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Plantão Psicológico como Estratégia de Clínica Ampliada na Atenção Básica em Saúde. *Contextos Clínicos*, v. 8, n. 2, 2015, pp. 141-152. DOI: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.82.03>

BARREIROS, Gilberto Ferreira; MORATO, Henriette Tognetti Penha. O Encontro Reflexivo como Possibilidade de Intervenção Clínica em Instituição Educacional e Grupo Comunitário. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: USP, v. 43, n. 3, 2017, pp. 799-814. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/j8NJqZ4BBtCtWfMkkP3hbQg/?lang=pt>>

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução por João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea. Flórida: Vida, 1994.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães, MOSQUEIRA, Sáshenka Meza; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Cartografia Clínica em Plantão Psicológico: Investigação Interventiva num Projeto de Atenção Psicológica em Distrito Policial. *Temas em Psicologia*. São Paulo: USP, v. 20, n. 2, 2012, pp. 555-569. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>

BUBER, Martin. *Cumplicidade e Diálogo*. Tradução por Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: EDUSC, 2003.

CARDOSO, Cláudia Lins. O Plantão Psicológico em Tempos de Pandemia. Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (org). *Vozes em Letras: Olhares Gestalt-terapia para a Situação de Pandemia*. Curitiba: CRV, 2020, pp. 219-235.

CURY, Vera Engler; RAMOS, Maísa Tordin. Plantão Psicológico em Clínica Escola: Prática e Pesquisa. BRESCHIGLIARI, Juliana Oliveira; ROCHA, Maria Cristina (org). *Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 Anos de História*. São Paulo: IPUSP, 2009, pp. 133-142.

CRITELLI, Dulce. Psicologia e Fenomenologia: Filosofia e Terapia. BRESCHIGLIARI, Juliana Oliveira; ROCHA, Maria Cristina (org). *Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 Anos de História*. São Paulo: IPUSP, 2009, pp. 19-28.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. A. Temporalidade Kairológica do Dasein e Plantão Psicológico. *Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016, pp. 147-156.

\_\_\_\_\_. *Plantão Psicológico Fenomenológico Existencial*. Palestra proferida no VI Colóquio Terapêutico, 30 de abril de 2019, na UFMG.

\_\_\_\_\_. *O LEFE e o Plantão Psicológico na UFMG*. No prelo, 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. Uma Proposta de Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo, et al. *A Escuta e a Fala em Psicoterapia: Uma Proposta Fenomenológica-Existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Sob o Signo da Multiciplidade. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, v. 1, n. 1, 1993, pp. 89-95.

\_\_\_\_\_. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Tempo Social* [online]. 1995, v. 7, n. 1-2 DOI: <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85214>.

FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. Tradução por Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço; et al. Plantão Psicológico: Uma Prática que se consolida. *Boletim de Psicologia*. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, v. LVIII, n. 129, 2008, pp. 185-192.

GUARESCHI, Neuza M. F.; REIS, Carolina D.; HUNING, SIMONE M.; BERTUZZI, Leticia D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2007, pp. 17-27. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100003&lng=pt&tlng=pt)>

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia, Psicoterapia e Psicologia Humanista. *Estudos de Psicologia*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, v. 14, n. 2, 1997, pp. 33-46.

IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA – IAP. *Regimento Interno da Convenção Geral das Igrejas Adventista da Promessa*. Portal IAP, 2021. Disponível em: <<https://portaliap.org/regimento-interno-da-convencao-geral-das-igrejas-adventista-da-promessa/>>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

\_\_\_\_\_. *Marcos que Pontilham o Caminho*. São Paulo: Voz do Cenáculo, 2002.

LIMA, Darlindo Ferreira de; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. Plantão Psicológico e Acontecimento do Cuidado: Problematizando um “não-lugar”. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 8, n. 2, 2018, pp. 291-301. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845>>

MAHFOUD, Miguel. A Vivência de um Desafio: Plantão Psicológico. IN: MAHFOUD, Miguel (org). *Plantão Psicológico*: Novos Horizontes. São Paulo: CI, 2012, pp. 17-29.

\_\_\_\_\_. Desafios Sempre Renovados: Plantão Psicológico. TASSINARI, Márcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner Teixeira (org). *Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa*. Curitiba: CRV, 2013, pp. 33-50.

MORATO, Henriette T. P. Pedido, Queixa e Demanda no Plantão Psicológico: Querer, Poder ou Precisar. *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas*. Vitória: UFES, 2006, pp. 1-8.

\_\_\_\_\_. Plantão Psicológico: Inventividade e Plasticidade. *IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições – Atenção Psicológica: Fundamentos, Pesquisa e Prática*. Recife: UCP, 2009, pp. 31-45, 2009.

MOTA, Saulo Tavares; GOTO, Tommy Akira. Plantão Psicológico no CRAS em Poços de Caldas. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2009, pp. 521-530.

MOZENA, Helen; CURY, Vera Engler. Plantão Psicológico em um Serviço de Assistência Judiciária. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, v. 19, 2010, pp. 65-78.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização? O Risco de Fazer Missão sem se Importar com o Outro*. Viçosa: Ultimato, 2015.

PADILLA, René. *Repensando a Missão na Igreja Local*. Tradução por Vera Jordan. Viçosa: Ultimato, 2018.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. *Na Presença do Sentido: Uma Aproximação Fenomenológica a Questões Existenciais Básicas*. São Paulo: EDUC, 2013, pp. 153-159.

REIS, Carolina dos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; HÜNING, Simone Maria; AZAMBUJA, Marcos Adegas de. A produção do conhecimento sobre risco e vulnerabilidade social como sustentação das práticas em políticas públicas. *Estudos de Psicologia*. Campinas: PUC, v. 31, n. 4, 2014, pp. 583-593. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000400012>

ROCHA, Maria Cristina. Plantão Psicológico: Desafios e Potencialidades. BRESCHIGLIARI, Juliana Oliveira; ROCHA, Maria Cristina (org). *Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 Anos de História*. São Paulo: IPUSP, 2009, pp. 103-115.

ROEHE, Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o Entendimento de Heidegger sobre o modo de Ser Humano. *Avances em Psicologia Latinoamericana*: Colombia: Bogotá, 2014, v. 32, n. 1, pp. 105-113. DOI: <https://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07>

SCHIMIDT, Maria Luisa Sandoval. Clínica-Escola, Escola da Clínica. *Boletim de Psicologia*, Campinas: USP, v.21, n.3, 1992, p.173-192. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epc/v21n3/v21n3a03.pdf>

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 885-899, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-16>.

\_\_\_\_\_. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF* [online]. 2015, v. 20, n. 1. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>.

YANCEY, Philip; BRAND, Paul. *Feito de Modo Especial e Admirável: A Harmonia entre o Mundo Natural e Espiritual*. Tradução por Almiro Pisetta. São Paulo: Vida, 2012.